

Se essa rua fosse minha

Por André Cauduro D'Angelo
livro@precisarnaoprecisa.com.br

RUAS COMERCIAIS DE PRESTÍGIO TÊM DE ACOMPANHAR AS MUDANÇAS DA CIDADE SE QUISEREM MANTER SUA AURA DE SOFISTICAÇÃO INTOCADA

Uma interessante notícia foi publicada recentemente na imprensa brasileira. Ela dá conta de que “embora ainda seja considerada uma das mais belas avenidas do mundo, Champs-Élysées, em Paris, vive crise de identidade”. Seguem trechos da matéria:

“A avenida Champs-Élysées está em uma encruzilhada. Ela não é mais excepcional, e também ainda não é banal — definiu François Lebel, prefeito do 8° arrondissement, bairro que acolhe a famosa via.



A especulação imobiliária e a mudança do perfil comercial são apontadas como as principais causas da queda de prestígio da freqüentada avenida (...).

Um recente estudo do gabinete de consultoria Clipperton Développement, encomendado pela prefeitura de Paris, revelou que 39% das 332 lojas da avenida correspondem ao comércio têxtil, representado por marcas de roupas. Uma porcentagem que, segundo autoridades municipais, chegou ao limite e ameaça a diversidade comercial local.

Foi o motivo pelo qual a rede sueca de lojas de departamento H&M teve recusada, em dezembro passado, a autorização para se instalar no número 88 da avenida. (...)

(...) a prefeitura teme que a banalização comercial provoque a deserção daqueles que apreciam passear pelo local. Para salvar a Champs-Élysées, o desafio já foi lançado: preservar o equilíbrio comercial, redinamizar a oferta cultural e de alimentação e facilitar o passeio e o deslocamento dos pedestres.”

(Jornal Zero Hora, 25/2/2007)

A tal “encruzilhada” vivenciada pela avenida parisiense faz lembrar, em parte, aquela com a qual se deparou a Rua Augusta, em São Paulo. Principal pólo de comercialização de artigos sofisticados na cidade até meados da década de 70, a Augusta foi vítima da degradação urbana e das mudanças dos costumes paulistanos. Violência, trânsito congestionado, dificuldade para estacionar, especulação imobiliária — tudo isso contribuiu para que as lojas paulistanas de prestígio migrassem para os shoppings, fazendo com que a Augusta perdesse o glamour ostentado em outros tempos.

A Prefeitura tentou, por vezes, revitalizar o local, mas as medidas não foram suficientes para reverter a inevitável perda de prestígio; a Augusta foi atropelada pelo crescimento urbano e pelos novos hábitos da população, que passou a se refugiar em centros comerciais fechados. Hoje, há trechos da rua que ainda conservam parte da aura de outrora, mas o destino do logradouro parece mesmo o de servir como ponto de encontro de tribos específicas, como “clubbers” e “alternativos”.

Curiosamente, a decadência da Augusta foi acompanhada pela ascensão de uma de suas ruas vizinhas, a Oscar Freire. Os aluguéis (ainda) caros da Augusta e a indisponibilidade de bons imóveis fizeram com que, nos anos 80, muitos lojistas optassem por se instalar nas proximidades da rua famosa. Iniciaram, ali, um ciclo virtuoso que culminou com a explosão do comércio de luxo na década de 90, tornando a Oscar Freire um concentrado de grifes famosas e consumidores endinheirados.

É de se perguntar se a transformação que fez da Oscar Freire e adjacências um dos pontos comerciais mais caros de São Paulo poderia ter ocorrido na Augusta. À primeira vista não, até porque a ascensão de uma se deu no período de degradação da outra: a Oscar Freire alimentou-se do resquício de prestígio da Augusta, sem, no entanto, deixar-se contaminar pela sua decadência.

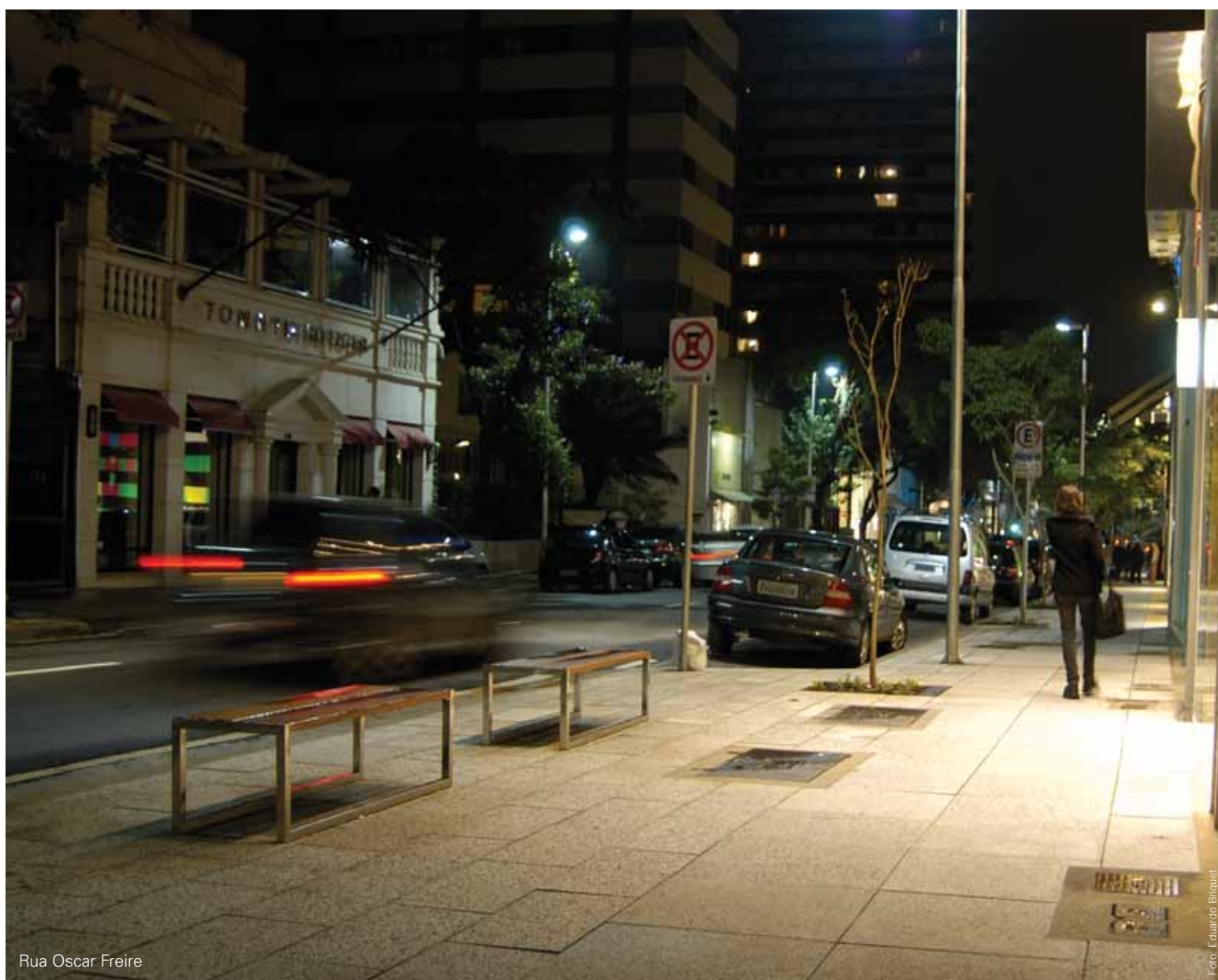
Além disso, pontos comerciais têm sua reputação dependente de movimentos espontâneos da cidade e de sua população, nem sempre ao alcance do planejamento dos gestores públicos ou da vontade de comerciantes e empresários. A atratividade de zonas comerciais e residenciais se altera conforme a conjugação de hábitos locais e expansão urbana, fatores difíceis de serem percebidos em seus estágios iniciais. Tal qual uma mão invisível, a população vai elegendo aos poucos seus pontos preferidos e moldando a geografia da cidade. Comerciantes e Poder Público acompanham e até estimulam a vocação de determinadas zonas urbanas, mas não a controlam.

E a beleza do processo está justamente nessa quase imprevisibilidade.

Ainda assim, mobilizações são sempre bem-vindas. Os comerciantes da Oscar Freire, por exemplo, já perceberam que o sucesso da rua não é eterno, nem independente de melhorias no local. Mobilizaram-se e, em parceria com a Prefeitura, iniciaram uma série de obras que visam tornar a rua mais bonita e agradável – uma saudável parceria Público-Privada em nome da manutenção de um centro de compras que ganhou fama nacional. Em Paris, ao que parece, os governantes locais perceberam o mesmo: deixada ao sabor do mercado, a Champs-Élysées poderia passar por um preocupante processo de homogeneização que lhe tiraria o charme e a atratividade.

Em comum, as ruas paulistana e parisiense têm o fato de serem pontos turísticos. Não pertencem só ao imaginário da cidade, mas ao de seus visitantes também. Nessas horas, em que o que está em jogo são as pequenas e grandes fortunas movimentadas pelo turismo de lazer e de negócios, é inevitável que as ruas sob ameaça ganhem defensores na iniciativa privada e no Poder Público e, assim, consigam manter-se prestigiadas.

PENA QUE A AUGUSTA NÃO TEVE A MESMA SORTE.



Rua Oscar Freire

Foto: Eduardo Briquet